

São Paulo, 28.1.60

Emeraldo,

você tem certo pois suas cartas  
chegou num dia de descanso semanal.

Donc, aqui vai a resposta, em demo-  
na. O fato é que não tem dado mes-  
mo para escrever. Por duas razões:

a primeira é que sou agora um,  
se não próspero, ao menos atarefado  
homem de negócios. Está mesmo duro

aburquesar-se. A segunda razão

é a vergonha de ainda não ter en-  
treque nas encomendas (estou bo-  
tando 2 delas na pasta para co-  
meçar a distribuição sem falta).

Estando a rituaçal por aqui, duas  
anim e a rua tão próspera, com  
atellers sobrando a preço de banana,

na, pode reservar aquele de 50  
francos ~~que~~ pare mim que eu  
volto. Como você não está em país não



vai pra' frente mesmo e as unices  
coisas que ele tem de bom são as  
mulheres (bem mais liberais que  
há 2 anos) e o fim de semana  
no Guarapá, com calpiniças, outras,  
queijo costado em quadradinhos e  
tudo o mais.

A Biennial, onde só pode estar  
uma vez, pois acabou no dia 31  
de dezembro, esteve muito arcaica  
linda. Mas gravuras (estas me  
perguntando mundo afora) estavam  
bem colocadas na sede do Brasil.

De resto, ando afastado dos meios  
artísticos. Apenas vi, anteontem, o  
Maurício Nogueira Lima bebendo  
drope na Rua Augusta e ouvi,  
por telefone, o Willys. Já que vou  
não é bobo de voltar, vou ter que  
dar a ele o painel de um dos  
meus numerosos edifícios. Ao ver

nos outros teria certeza de que vai  
sair bonito.

O Baixelha, que também tem  
rito pouco, está mesmo embelado  
e quer usar de todo jeito. Que  
ma alma repouse em paz! Os  
demais arquitetos continuam casan-  
do, reproduzindo-se e virando-se  
para conseguir um lugar ao sol.  
As coisas mudaram bastante, e os  
grandes nomes são hoje Jorge Wilhel-  
m Jorge (Zalsupin e outros jorges).

Há uma certa evolução do gosto  
seletivo, que pode ser constatada  
nas lojas de móveis que continuam  
surgindo e nos novos edifícios que  
proliferam pela cidade toda. A  
cidade, esta sim, é mesmo muito  
fria, com essa bulburdia de edifícios  
de todas as formas e alturas ao



lado do carrão velho e - nas raras -  
caindo em ruínas. Uma falta de  
orden e, sobretudo, de caráter que  
dá do'. Mas quem que fosse como  
Paris também seria demais!

Diga, por favor, ao Pina' que dois  
dias antes de receber a carta dele  
em lhe havia escrito. Ele que vá me  
escrevendo pois farei outro tanto.

Obrigado pelos votos de ano novo,  
pelo cartas, que não estava feio  
(continue, vou ver longe!...) e pelo  
oferecimento do atelier. O atelier, como  
vou já saber, em acerto, os votos,  
os retribuio muito sinceramente. Tu-  
do de bom para vós em 60.

Um grande abraço,

Théobald

Anita, te posso assegurar que as  
brasileiras são um duro! Je t'embrasse.  
Lembranças aos outros artistas locais.